

DOSSIÊ

No enquanto da pandemia: grupalidade, cuidado e invenções na formação universitária

Este dossiê foi inspirado nas inquietações referentes às políticas de formação presentes em situações da vida universitária e da sala de aula em cursos de graduação e pós-graduação, vividas pelos membros(as) do Grupo de Trabalho Subjetividade Contemporânea vinculado à Associação Nacional de Pesquisa e Pós graduação em Psicologia. Há abismos na sala de aula, há conflitos produzidos pelas desigualdades sociais, há dúvidas sobre o que se passa com a presença dos corpos, há também momentos belos porque tocantes e há a necessidade de cuidar para que os dispositivos inventados não se reduzam a modos de adaptar e reforçar o conservadorismo.

As experiências da pandemia do COVID-19 e do ensino remoto geraram muitas indagações e, em certa medida, deram contorno ao desafio de criar grupalidade em uma vida universitária ainda mais fragmentada, acelerada e individualizada. Os processos formativos exigiram reflexões sobre os regimes de afetabilidade que, então, não contavam mais com a partilha do “ecossistema presencial” da sala de aula, com a imprevisibilidade dos corredores, transportes coletivos e de outros espaços e percursos de encontro. Como sustentar processos formativos em um estar junto acadêmico que se faz com e pela tela, à distância, intensamente mediado pelos dispositivos tecnológicos? Que corporificação do conhecimento é possível hoje? Há corpo na tela? Ou melhor, que corpo se constitui na conexão com a tela? Que efeitos são produzidos nos processos formativos quando a imagem que nos captura na tela é também a nossa? Como viver a sala de aula *online* (com suas potências e perigos)? Como usar ferramentas virtuais que auxiliem na produção de grupalidade? Como possibilitar processos de ensino-aprendizagem dialógicos e participativos? Como criar presença com a escrita? Qual o papel do professor(a)? Como ensinar na atualidade? E, em meio a tantas perguntas, como sustentar as forças da indeterminação e da inquietação naquilo que produz o que sentimos, vemos e escutamos?

Nesses dois anos de ensino remoto, o intervalo e o estranhamento gerados pelas experiências vividas durante a pandemia tornaram-se oportunidade para refletir sobre situações referentes à intensificação da desigualdade social na universidade; à solidão e ao adoecimento de estudantes, professores e funcionários e a uma forma endurecida de ensinar-aprender na qual o imperativo da produtividade cala a gramática dos processos de partilha. Se é verdade que a tecnologia permitiu que

ficássemos mais “conectados”, é preciso estarmos à espreita das capturas que enrijecem o individualismo de corpos que, ao estarem cada vez mais acoplados às mídias, vivem cada vez menos em conexão com as ruas e o mundo fora da tela.

O intervalo instaurado fez ressoar em nós uma palavra: ENQUANTO. O enquanto parece nos dizer que “algo vai acabar” (enquanto estamos vivendo o distanciamento social, não há o corredor da universidade e, quando isso acabar, voltaremos a tê-lo). Na experiência pandêmica, o enquanto circunscreve um tempo no qual atravessamos o horror, mas é também vivido como temporalidade que carrega uma potência de indeterminação pois, nele, algo é ativado em nós. Já vínhamos desenvolvendo dispositivos de trabalho que enfrentassem o problema da burocratização do cotidiano universitário, das ausências dos corpos e do pensamento protocolar. A nossa vivência da pandemia no contexto universitário brasileiro, no entanto, parece ter intensificado e reativado essa direção de trabalho ou tê-la tornado ainda mais urgente e necessária. O ENQUANTO fez-se, então, potência.

A proposta desse dossiê surgiu do desejo de partilha e elaboração em escritura da vida universitária no ENQUANTO da pandemia. Converteu-se em possibilidade de agarrar o presente com o desafio de sustentar processos vitalizantes perante aquilo que lubrifica a máquina homogeneizadora capitalística (foi também no ENQUANTO da pandemia que vivemos a exacerbação dos processos de expropriação e precarização das vidas, no limite de seu extermínio). Intensificamos a necessidade de um projeto coletivo que nos fizesse seguir adiante, germinando pensamentos arejados, críticos e inventivos em meio a um mundo que desaba.

Assim, no final de 2020, tivemos um encontro remoto entre integrantes do GT para uma experimentação coletiva disparada por uma das questões que emergiram no primeiro ano de pandemia em nossas atividades de pesquisa, ensino e extensão: há ou não presença dos corpos no espaço tecnomediado? Algumas das pesquisadoras do GT têm se dedicado a pensar, escrever e promover ações formativas e de intervenção na interface corpo, arte, saúde e educação afirmando a potência e a importância de tomar o corpo no exercício do pensamento e na produção de conhecimento a partir de experiências. Nesta direção, proposições foram realizadas com o grupo criando condições para a exploração individual e coletiva da presença do corpo e seus efeitos nessa situação que estamos vivendo. Em um encontro remoto, mediados por computadores e telas, experimentamos lentificar a atitude habitual, acessar o próprio corpo (ossos, estrutura, respiração, articulações, dores, tensões, sensações), fazer contato com outras sensorialidades sem o uso do sentido da visão, a soltura da musculatura do rosto, a ampliação da percepção corporal para além da moldura dos enquadramentos das janelas da plataforma utilizada. Vivenciamos modos de praticar o aterramento das presenças, a produção de vitalização pelo movimento, a expansão do campo atencional e o deslocamento no

espaço intensivo e afetivo de nossas casas (nossos territórios). Foram duas horas de contato com outros modos de comunicação entre os(as) integrantes do GT, o que paralisa e move cada um(a) a fazer o que faz, o que alegra e entristece, mata e faz nascer. O encontro se desdobrou através de proposições, estímulos e palavras, certa gestão dos silêncios, do uso de músicas, da leitura de um poema, da exploração de objetos do ambiente, exercícios de improvisação, momentos de distanciamento do computador e, por fim, a produção e o compartilhamento de narrativas poéticas a partir da experiência. Nesse momento de produção de conhecimento encarnado e inventivo no interior do próprio GT, (nos) escutamos, (nos) cuidamos, afinamos, ainda mais, a nossa grupalidade e (nos) animamos a seguir trabalhando as questões que atravessam a vida universitária no contemporâneo. Formação de nós mesmos em conexão com a formação de estudantes e campos de interesse. O encontro ativou mais uma vez o desejo de continuidade de nossas pesquisas conceituais e metodológicas acolhendo a radical multiplicidade presente em nossos modos de ser, fazer, sentir e produzir conhecimento. Constituiu-se ali um espaço-temporal de acolhimento, de troca, de trazer um pouco como cada um(a) estava vivendo o ENQUANTO da pandemia. Experiência que se fez importante na constituição de uma grupalidade na qual o afeto tem lugar na elaboração e produção de conhecimento coletivo. A política de formação vivenciada por nós atualizava-se também como política de amizade cuidadosa.

Nos meses seguintes, demos contorno ao processo que materializou-se na feitura deste dossiê. O procedimento utilizado para a construção do dossiê voltou-se para o que tomamos como problema e desafio em nossas políticas de formação: a criação de grupalidade, de partilha, de corpo na tela, de cultivo de atenção conjunta, de sustentação da presença e da escrita como ato de produção de comum. Resistindo a certos modos também protocolares de produção de conhecimento – em que cada um faria o seu artigo e depois juntaríamos tudo – decidimos embarcar em um projeto coletivo com o objetivo de produzir um Dossiê que reunisse questões comuns, mas que, sobretudo, criasse, entre nós, o comum. Mediados por computadores e celulares, no espaço remoto, iniciamos um processo que possibilitou, durante um ano e meio, que nos reuníssemos mensalmente para o exercício de conversas, escritas e leituras cuidadosas sobre nossas práticas e políticas de formação. Nos primeiros encontros, a partilha deu contorno aos incômodos e desafios da formação inaugurados ou intensificados em tempos pandêmicos. Surgiu, então, o desejo de escriturar sobre COMO estávamos lidando com tais desafios e problemas. E, no processo de gestação da proposta do Dossiê, a escrita surgiu como dispositivo potente. Escrevemos e partilhamos cenas e situações que provocavam em nós inquietação. Cenas escrituradas que produziram no grupo “chamamentos” – escritas que convidavam ao diálogo e prolongamento realizado por conversas através da escrita.

Iniciamos, então, um jogo de aproximações entre as pessoas do grupo. A imagem–metáfora era de uma festa, com os pesquisadores entrando na pista/escritura para mostrar suas proposições, germes coreográficos de produção de conhecimento, convidando outros à composição. Convocados(as) pelas cenas/situações escritas e inseridas em um documento compartilhado, todos(as) ficaram atentos (as) aos chamados para dançar juntos(as). Aproximando-se destas coreografias-pensamentos, diálogos foram tecidos nesse documento compartilhado e nos encontros mensais do GT. Assim, houve a formação de duetos, trios e quartetos que decidiram elaborar o seu artigo em parceria. Esboços iniciais de artigos/coreografias entravam na “pista” de conversas grupais até chegarmos ao que, hoje, apresentamos nesse Dossiê. Ninguém ficou de fora, quem não participou de algum dueto, trio ou quarteto, foi convidado para ser intercessor-leitor(a) do grupo que, em gesto de curiosidade atenciosa, tornou-se presença nessa deriva coletiva. Houve tempo para que esse intercessor lesse o texto proposto e, depois, conversasse com o grupo escritor(a), contribuindo concretamente na escritura. Processo longo e delicado de afinamentos e produção de diferença no trabalho acadêmico.

A festa nos remeteu, assim, à ideia de um espaço comum de produção, de uma alegria potente, resultante das trocas que se faziam a cada encontro à medida que os textos iam ganhando forma, tornando-se coreografia. Corpos, cenas e elaborações teóricas entraram na pista servindo de alimento, produção de rede, partilha e invenção nestes tempos de ENQUANTO que, de fato, nunca cessam.

Nesse processo, as múltiplas experiências de formação no período de pandemia reverberaram entre nós. A seguir, os títulos das coreografias que, torcemos, ecoem a força de um processo criado e cuidado coletivamente.

1. Como tornar mais real uma existência em tempos (pós) pandêmicos? - Isabella de Almeida (dout FSP/USP); João B. Ferreira (UFRJ) e Yara Carvalho (USP).
2. Acessibilidade e a experiência com pessoas com deficiência visual - Laura Pozzana (UFRJ) e Eduardo Passos (UFF).
3. "Eu não quero mais pensar a não ser com o meu corpo": práticas para aterrar e cultivar presença(s) - Flavia Liberman (UNIFESP); Adriana Domingues (UNIFESP/Santos) e Laura Pozzana (UFRJ).
4. A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração - Adriana Marcondes Machado (USP); Elizabeth Freire de Araújo Lima (UNESP); Erika Inforsarto (TO FMUSP)
5. Por uma FormAÇÃO fiadeira: entre conversas, pontos e gestos - Janaína César (UFES); Bruna Battistelli (dout UFRGS) e Márcia Cuevas (UFES)

6. Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências - Milena Lisboa (Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública); Maria Cristina Vicentin (PUC/SP) e Gabriela Gramkow (PUC-SP).
7. As artes de prestar atenção: formação e cuidado na Universidade - Virgínia Kastrup (UERJ); Luciana Caliman (UFES) e Verônica Gurgel (pesquisadora convidada).
8. “Todo mundo sabe que o curso de psicologia adocece”: cartografias sobre saúde e adoecimento institucional - Silvia Tedesco (UFF); Dayse Andrade (PUC-SP) e Luciano Bedin (UFRGS).

Adriana Marcondes Machado

Fernando Luiz Zanetti

Flavia Liberman

Laura Pozzana

Luciana Vieira Caliman

Organizadores